

O totemismo hoje (obra)

Escrito por: Camila Galan de Paula.

Publicado em: 01/07/2023

No ano de 1962 Claude Lévi-Strauss (1908-2009) publicou dois livros concebidos no interior de um mesmo projeto: *O totemismo hoje* e *O pensamento selvagem*. Ambos tratam de questões relativas ao modo como populações outrora consideradas primitivas operam classificações a partir de índices concretos do mundo natural, como espécies animais e vegetais. O livro *O totemismo hoje* nasce de uma encomenda do historiador das religiões Georges Dumézil (1898-1986) para a coleção *Mythes et religions*, dirigida por ele. A obra cresce e se desdobra em duas publicações, que conhecem destinos diferentes: o primeiro é lido nos círculos especializados; o segundo tem impacto no debate filosófico mais amplo. Em ambos, a inspiração de Lévi-Strauss na linguística estrutural é reafirmada, e a antropologia estrutural parte “rumo ao intelecto”, isto é, passa a se preocupar com processos inconscientes de classificação subjacentes aos fenômenos empíricos observados pelos etnólogos – algo que já se podia perceber na “Introdução à obra de Marcel Mauss” (1950) e nos ensaios reunidos em *Antropologia estrutural* (1958).

Quando Lévi-Strauss escreve sobre o totemismo, já havia discordâncias sobre os fenômenos abarcados pelo conceito. O termo totem é de origem Ojibwa, povo indígena da região dos Grandes Lagos na América do Norte, e designa a pertença a um clã. Os clãs ojibwa geralmente têm nomes de animais. Classicamente, os estudos sobre o totemismo tendiam a inseri-lo nas discussões sobre [religião](#): era considerado como a crença de muitos povos ditos primitivos em algum tipo de relação especial – mítica, de descendência, de afinidade, territorial – entre um ser (animal ou vegetal) e um grupo ou indivíduo. Muitas vezes essas relações entre grupo humano ou pessoa e sua espécie totêmica implicava em tabus, proibições ou obrigações rituais. Discutia-se também a relação entre o totemismo e a organização social: as crenças totêmicas em geral ocorriam em sociedades segmentares – divididas em clãs ou outros tipos de subgrupos. O acúmulo de descrições etnográficas revelou que eram

extremamente variados os modos pelos quais distintos povos do mundo relacionavam parcelas de grupos humanos a animais ou vegetais, dificultando uma definição unívoca de totemismo.

Diante dos impasses dos estudos do totemismo na Antropologia, duas posições analíticas são identificadas por Lévi-Strauss: uma que abandona a noção de totemismo, pois ela não corresponderia a nenhum conjunto de fenômenos específicos – como defendido por Franz Boas (1858-1942); outra que se lança na elaboração de classificações cada vez mais detalhadas para distinguir tipos heterogêneos de totemismos – como nas análises do antropólogo australiano Adolphus P. Elkin (1891-1979). Embora discorde dessa segunda posição nominalista, Lévi-Strauss não descarta a ideia de totemismo. Se tantos antropólogos usaram a noção para tratar dos modos pelos quais diversos povos relacionam grupos humanos a seres naturais, é porque os fenômenos abarcados pela ideia de totemismo devem possuir alguma unidade.

O totemismo hoje é construído a partir da exposição e da crítica a posições de diversos analistas anteriores. Lévi-Strauss questiona as explicações funcionalistas – que ele identifica nos trabalhos de [Alfred Radcliffe-Brown \(1881-1955\)](#), [Bronisław Malinowski \(1884-1942\)](#) e Raymond Firth (1901-2002). Refuta com dados etnográficos a explicação de que as espécies totêmicas são eleitas como epônimos dos grupos sociais por serem úteis – nem todas as espécies comestíveis ou úteis serviam como totens e nem todos os totens se referiam a espécies úteis. Também descarta análises que explicavam a importância das espécies totêmicas recorrendo às emoções, sentimentos e pulsões. Critica ainda certas abordagens intelectualistas do totemismo, a de Meyer Fortes (1906-1983) por exemplo, um dos primeiros a pensar o totem como símbolo para as relações entre humanos; para Lévi-Strauss, o erro de Fortes foi ter tratado a relação entre animais e humanos a partir de suas semelhanças sensíveis. Igualmente intelectualista, a segunda teoria do totemismo em Radcliffe-Brown possui o mérito de ter questionado os motivos de eleição de totens específicos e de ter indagado, assim, sobre as semelhanças e diferenças dos animais

totêmicos, sempre presentes na forma de pares em relação de oposição e complementariedade; sua análise, no entanto, não avança além do plano etnográfico.

É finalmente a partir das inspirações de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Henri Bergson (1859-1941) – e das ressonâncias que localiza entre o pensamento deste último filósofo e dos indígenas Sioux da América do Norte – que Lévi-Strauss consegue explicar o totemismo como um fenômeno de caráter universal que diz respeito a modos de percepção e categorização do mundo. Nesses autores, Lévi-Strauss encontra apoio para a tese de que o pensamento opera universalmente por oposições e contrastes e conclui que a inteligência engendra o social. Se é na estrutura da natureza que a percepção e a cognição humanas encontram o material para expressar e classificar as diferenças sociais, é porque pertencem todos (natureza, percepção e cognição) a uma mesma realidade – posição aprofundada em “Estruturalismo e ecologia” (1973).

Precisando os modos plurais de relação entre humanos e não humanos, Lévi-Strauss conclui pela especificidade do totemismo como um modo de classificação, que nada tem a ver com [religião](#), onde se observam relações de contiguidade (metonímicas) entre humanos e não humanos. Como processo de categorização, o totemismo usa as diferenças perceptíveis entre seres naturais para, metaforicamente, tratar das diferenças entre grupos humanos; ele deixa ver, assim, um procedimento que opera por meio de homologias entre as diferenças da série natural (as variadas espécies e fenômenos) e as diferenças da série cultural (grupos, segmentos e classes). Tal modo de classificação é a marca do pensamento selvagem, afirma em *O pensamento selvagem*, argumentando que este tipo de pensamento não é o pensamento “dos selvagens”, mas uma modalidade universal de pensamento. A tese é antecipada em *O totemismo hoje* que, ao defender a racionalidade equiparável de toda a humanidade, define um marco na Antropologia.

Comentários posteriores à obra de Claude Lévi-Strauss apontam *O totemismo hoje* e *O pensamento selvagem* como um ponto de passagem entre os trabalhos anteriores sobre parentesco e organização social – notadamente *Estruturas elementares do parentesco* [1949] – e as obras posteriores do autor dedicadas à mitologia. Dentre as

releituras contemporâneas das formulações lévi-straussianas do totemismo, encontra-se a de Philippe Descola (1949-) em *Par-delà nature et culture* (2005). Partindo das contribuições de Lévi-Strauss ao tema, Descola expande a classificação totêmica na direção de diferentes modos de relacionar humanos e não humanos, e para isso reintroduz na análise os planos da identificação e da relação. Sua retomada do totemismo coloca-o, assim, ao lado de outros esquemas de classificação e práxis encontrados ao redor do mundo: o animismo, o naturalismo e o analogismo.

COMO CITAR ESTE VERBETE

PAULA, Camila Galan de. 2023. "O totemismo hoje". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/o-totemismo-hoje>

ISSN: 2676-038X (online)

PALAVRAS-CHAVE

antropologia francesa; comparação; estruturalismo; etnologia indígena; filosofia francesa; linguística; lógica; natureza/cultura; organização social; América indígena; Oceania

BIBLIOGRAFIA

CAZIER, Jean-Philippe (org.), *Abécédaire de Claude Lévi-Strauss*, Mons, Sils Maria, 2008

DESCOLA, Philippe, "Constructing natures: symbolic ecology and social practice" In: DESCOLA, Philippe; Pálsson, Gísli (orgs), *Nature and society: anthropological perspectives*, London and New York, Routledge, 1996

PAULA, Camila Galan de. 2023. "O totemismo hoje". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/o-totemismo-hoje>. ISSN: 2676-038X.

DESCOLA, Philippe, *Par-delà nature et culture*, Paris, Gallimard, 2005

IZARD, Michel, *Claude Lévi-Strauss*, Paris, Editions de l'Herne, 2004

KECK, Frédéric, *Lévi-Strauss et la pensée sauvage*, Paris, Presses Universitaires de France, 2004

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Anthropologie structurale*, Paris, Plon, 1958 (Trad. Bras. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Cosac Naify, 2008)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Histoire de lynx*, Paris, Pocket, 1991 (Trad. Bras. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Companhia das Letras, 1993)

LÉVI-STRAUSS, Claude, "Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss" In: MAUSS, Marcel, *Sociologie et Anthropologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1950 (Trad. Bras. Paulo Neves, São Paulo, Cosac Naify, 2003)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Le totémisme aujourd'hui*, Paris, Presses Universitaires de France, 1962 (Trad. Port. José António Braga Fernandes Dias, Lisboa, Edições 70, 1986)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Les structures élémentaires de la parenté*, Paris, Presses Universitaires de France, 1949 (Trad. Bras. Mariano Ferreira, São Paulo, Vozes, 1976)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *La pensée sauvage* (1962), Paris, Plon, 2010 (Trad. Bras. Tânia Pellegrini, Campinas, Papirus, 1989)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *La potière jalouse*, Paris, Plon, 1985 (Trad. Bras. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Brasiliense, 1986)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *La voie des masques*, Genève, éd. Skira, 1975. (Trad. Port. Lisboa, Presença, 1979)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Mythologiques, t. I : Le cru et le cuit*, Paris, Plon, 1964 (Trad. Bras. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Cosac Naify, 2004)

PAULA, Camila Galan de. 2023. "O totemismo hoje". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/o-totemismo-hoje>. ISSN: 2676-038X.

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Mythologiques, t. II : Du miel aux cendres*, Paris, Plon, 1967 (Trad. Bras. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Cosac Naify, 2004)

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mythologiques, t. III : L'Origine des manières de table*, Paris, Plon, 1968 (Trad. Bras. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Cosac Naify, 2006)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Mythologiques, t. IV : L'Homme nu*, Paris, Plon, 1971 (Trad. Bras. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Cosac Naify, 2011)

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Regarder, écouter, lire*, Paris, Plon, 1993 (Trad. Bras. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Companhia das Letras, 1997)

LÉVI-STRAUSS, Claude, "Structuralism and ecology", *Social Science Information*, vol. 12, n. 1, 1973 (Trad. Port. Carmen de Carvalho, Lisboa, Edições 70, 1983)

PEIXOTO, Fernanda, "Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo", *Mana*, n. 4, vol. 1, Rio de Janeiro, p. 79-107, 1998

SZTUTMAN, Renato, "Natureza & Cultura, versão americanista – Um sobrevoo", *Ponto Urbe*, n. 4, 2009

WISEMAN, Boris (org.), *The Cambridge companion to Lévi-Strauss*, Cambridge, UK Cambridge University Press New York, 2009